

CHRONIK DER ANNA MAGDALENA BACH / 1967

(*A Pequena Crónica de Anna Magdalena Bach*)

um filme de Jean-Marie Straub

Realização: Jean-Marie Straub / **Argumento:** Danièle Huillet e Jean-Marie Straub / **Fotografia:** Ugo Piccone / **Som:** Luis Hochet e Lucien Moreau / **Montagem:** Jean-Marie Straub e Danièle Huillet / **Música:** Johann Sebastian Bach. Excertos das seguintes obras pela ordem indicada: Concerto Brandenbúrguês nº 5 / 6º Prelúdio de "O Pequeno Livro de Cravo para Wilhelm Friedmann Bach" / Minuete 2 da Suite em Ré menor de "O Pequeno Livro de Cravo para Anna Magdalena Bach" / Sonata nº 2 em Ré maior para viola da gamba e harpa, BWV 1028 / Trisonata nº 2 em Dó menor BWV 526 / Magnificat em Ré maior BWV 243 / BWV 830 do "Pequeno Livro de Cravo para A.M.B." / Cantatas: BWV 205, 198, 244 / Paixão Segundo S. Mateus / Cantata BWV 42 / Prelúdio para órgão BWV 544 / Missa, BWV 232 / Cantata BWV 215 / Oratória em Ascensão, BWV 11 / BWV 671, para cravo / Concerto Italiano BWV 971 / Cantata BWV 140 / "Variações Goldberg" BWV 988 / Cantata BWV 82 / Oferenda Musical BWV 1080 / Coral para órgão BWV 668 / **Intérpretes:** Gustav Leonhardt (Johann Sebastian Bach), Christine Lang (Anna Magdalena Bach), Paolo Carlini (Dr. Holzel), Ernst Castelli (Steger), Hans-Peter Boye (Born), Joachim Wolf (Reitor), Rainer Kirchner (Superintendente), Eckart Bruntjen (Kittler), Walter Peters (Krause), Kathrien Leonhardt (Catharina Dorothea Bach), Anja Fahrman (Regine Susanna Bach), Katja Drewanz (Cristine Sophie Henrietta Bach), Bob van Aspern (Johann Elias Bach), Andreas Pangritz (Wilhelm Friedemann Bach), Bernd Weikl (cantor na Cantata BWV 205), Wolfgang Schöne (cantor na Cantata BWV 82), Karl-Heinz Lampe (cantor na Cantata BWV 42), Nikolaus Harnoncourt (Príncipe de Anhalt-Cothen), Karl-Heinz Klein (voz de baixo no dueto da Cantata BWV 140), Bernhard Wehle (voz de Soprano na Cantata BWV 140), Christa Degler (voz de Anna Magdalena Bach na Cantata BWV 244a).

Produção: Frank Seit Filmproduktion / Gian Vittorio Baldi, IDI Cinematografia / Straub-Huillet / Kuratorium Junger Deutscher Film / Filmfonds / Telepool / RAI (Roma) / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, preto e branco, com legendas em português, 90 minutos / **Estreia Mundial:** Festival de Utrecht, a 3 de Fevereiro de 1968 / **Estreia em Portugal:** Cinema Quarteto, a 26 de Janeiro de 1977.

A segunda longa metragem do par Straub-Huillet era a concretização de um antigo projecto, certamente um dos mais desejados, pensados e trabalhados da história do cinema: um filme cuja ideia de partida era, como disse o realizador *"usar a música não como acompanhamento, nem como comentário, mas como matéria estética"*. E, poderíamos acrescentar, não como uma matéria estética em pé de igualdade com outras, mas como a matéria estética por excelência, aquela sobre a qual é modelada toda a narrativa e à qual é subordinada toda a *mise-en-scène* e todo o trabalho dos restantes elementos estilísticos.

Neste projecto gastou Straub dez anos de trabalho, de pesquisas, de viagens, buscando um rigor de documentação sobre um homem que admirava – J-S. Bach – e sobre a coerência duma época em que a vida, a religião e a arte estavam indissolúvelmente ligadas, dando-lhes a força dum todo que resiste ao tempo. Mas, se esse inédito trabalho sobre as fontes – raro no cinema, raríssimo na fase de arranque dum cineasta – é só por si suficiente para levantar dúvidas aos que pouco mais vêem aqui do que "um bocado de música", a verdade é que não tem nada a ver com a procura duma exacta reconstituição histórica, nos termos em que nos habituou o cinema tradicional. De facto, o assunto não é tanto a vida de Bach mas a sua música, e a *produção* dessa música (aí incluindo as relações com o poder). O que nos é dado a ver é *o que essa vida nos deixou* (cartas, pautas, e a própria produção

actual de sons a partir dessas pautas) e não uma pretensa reconstituição de cenas da época. O que se pretende não é imitar ou refazer o Bach que existiu, mas sim (o que só na aparência é contraditório) *respeitá-lo*. Por isso não se procurou um actor fisicamente semelhante a ele mas um músico especialista da sua época e de instrumentos (órgão, cravo...) para os quais em especial compôs – Gustav Leonhardt. Por isso não se construiu o filme com a história da sua vida mas com as obras que compôs. A própria introdução da “crónica” da sua mulher Anna Magdalena (texto considerado apócrifo), não é tanto uma intenção biográfica mas um desejo de introduzir um elemento intermédio, uma nova matéria concreta que permite a Straub chegar ao que já não vive e que seria falso tentar que “reviva”. Por outro lado é importante notar que nenhuma destas matérias que hoje existem sobre essa obra passada foi utilizada em bruto, sem interferências dos autores. Muito pelo contrário, e como em todos os seus filmes, Straub trabalhou exaustivamente as fontes procurando fazer um trabalho pessoal sobre esse outro trabalho: ao nível dos textos, por exemplo, aquilo que nos aparece como unidade narrativa são sempre complexas colagens de frases retiradas de múltiplas origens (livros, cartas, etc...) em que da “crónica” resta aliás muito pouco. Ao todo, foram usadas cerca de vinte fontes diferentes, e há ainda frases escritas pelos próprios autores. No seu aparente apagamento, Straub é afinal um dos realizadores que mais assume o único respeito possível por uma matéria estética pré-existente: o que se revela no trabalho do autor sobre ela, forçando-a para a revelar.

Mas *Crónica de Anna Magdalena Bach* é, como dissemos e antes de qualquer outra coisa, um filme sobre a música. Muitos o criticaram, e muitos o criticam ainda, dizendo que a filmagem de músicos a tocar em planos maioritariamente fixos e longos nada tem a ver com o cinema, e só se aguenta por obra e graça de Bach. A estes apetecerá contudo perguntar, desde logo, se não está já aqui uma das melhores demonstrações de mestria de Straub: dar-nos a ouvir a música de Bach com uma atenção e um prazer que, *no cinema*, dificilmente tem paralelo. Com efeito, não será precisamente por esta imagem ter em si própria as virtualidades da música, (o mesmo rigor, a mesma beleza) que tão espantosamente se liga a ela, concentrando nela a nossa atenção? Como explicar que a inevitável concentração no visual, que todos os filmes são, nos permita esta tão plena fruição sonora? O que acontece de facto é que, Straub, procurando sempre repensar todo o cinema (e porque é que o cinema tem que ser “acção” ou “história” na acepção tradicional, porque é que tem de ser feito de “planos curtos”...?) o reinventa aqui a partir dessa ligação com a matéria concreta que tem em mão. E, então, cada plano nasce para servir um troço duma peça musical, *revelando, pelo enquadramento, pela posição da câmara, ou até pelos movimentos desta* (que são tanto mais belos e significativos quanto menos desperdiçados), *a própria estrutura e natureza dessa peça*. A imagem é assim um suporte rigoroso da banda sonora ligando-se organicamente a ela, reflectindo sobre ela, “contando” coisas sobre ela... Por isso, também, nos parece cada vez mais incompreensível que se diga que este é um filme onde “não se passa nada”. Pelo contrário, cada um dos seus planos ou até cada mudança de plano contém em si uma quantidade de coisas a descobrir, normalmente subestimadas pelo cinema de acção corrente. E, ligado a este aspecto, a *Crónica* é de novo afinal, também, um filme sobre *tudo*. Porque é também um filme sobre o esforço de produzir música (as mãos que tocam, os braços que regem, os pés nos pedais...), sobre a luta pela garantia desse trabalho (as cartas dirigidas ao poder), sobre a liberdade de criação (as tomadas de posição de Bach quando menosprezado), sobre o amor (de Anna Magdalena por Bach), sobre a morte (o célebre plano final em que a imagem contradiz o texto), sobre a natureza (o mar e as árvores, Murnau e Griffith...) e, claro, como sempre no autor, sobre o Cinema e a História.

Como terminar esta referência a um filme que nos parece ter de facto tanto na sua aparente simplicidade? Talvez dizendo precisamente que tudo está aqui utilizado com uma tão grande unidade, economia e harmonia interna, que parece devolver ao cinema, num outro espaço e numa outra idade, a “impossível” simplicidade dos grandes clássicos americanos... Aos 43 anos, na sua segunda longa metragem, Jean-Marie Straub conseguiu essa proeza insólita: o seu filme não era uma “obra de aprendizagem”, tinha já a dimensão de um clássico.

José Manuel Costa